

Bruno de Assis Freire de Lima¹

RESUMO: O presente trabalho é um estudo da natureza semântica e sintática do verbo *ganhar*. Partimos do estudo de Lima (2007), que procurou descrever a relação entre o significado dos verbos de vitória e derrota em português (nos quais se enquadra o verbo *ganhar*) e sua composição sintática. O estudo de Lima partiu do pressuposto de Levin (1993) de que os verbos pertencentes a uma mesma classe semântica teriam comportamento sintático semelhante. O verbo *ganhar* foi escolhido

por ser um daqueles de maior ocorrência dentro da classe de verbos de vitória e derrota. Ainda que seja bastante usual na língua, este verbo, como veremos, não apresenta grande plasticidade semântica, possuindo poucos sentidos além do seu mais usual: indicar vitória. Ainda assim, este verbo apresenta grande variação sintática em suas construções e em relação às construções dos outros verbos desta categoria semântica, o que contribui para inicialmente² refutar a proposta de Levin.

PALAVRAS-CHAVE: Sintaxe do Português. Linguística descritiva. Valência verbal.

I. SOBRE VALÊNCIA E DIÁTESE

Os estudos tradicionais da língua portuguesa resumem a questão das diáteses sob rótulos como a regência, a transitividade e as vozes verbais. Para a tradição gramatical, um verbo como *chamar*, em uma frase como *Maria chamou João*:

i. é *Transitivo Direto*, na acepção de “convocar”, por ter Objeto Direto (*João*);

ii. está na *Voz Ativa*, por o sujeito praticar a ação verbal;

e ainda, o mesmo verbo em uma frase como *João foi chamado de irresponsável por Maria*:

i. é *Transitivo Direto com Predicativo do Objeto*, na acepção de “apelidar”, “denominar”; e

¹ Graduado em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (2002), possui especialização em Linguística e Literatura Comparada pela Universidade Federal de Viçosa (2004) e mestrado em Letras - Língua Portuguesa e Linguística - pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2007).

² É necessário estudar mais verbos e mais classes semânticas para chegarmos a uma conclusão mais precisa sobre a natureza dos verbos em português e sua correlação com a hipótese de Levin.

ii. está na *Voz Passiva*, por o sujeito sofrer a ação expressa pelo verbo.

Estes estudos são insuficientes para refletir a realidade linguística, uma vez que há diversas peculiaridades no comportamento dos verbos que não são contempladas por eles. Dentre estas peculiaridades, estão os papéis temáticos que um determinado argumento pode desempenhar diante de um verbo. A observação deste papel temático é relevante para o estudo das diáteses, como veremos a seguir.

A noção inicial é a de que **diátese é uma construção capaz de subcategorizar um verbo e que valência é o conjunto de diáteses de um determinado verbo**. Se tomarmos como exemplo os casos

[1] *Maria sujou o tapete e*

[2] *O cachorro mordeu Maria,*

veremos que existem algumas semelhanças a serem consideradas. A primeira delas se refere ao número de argumentos que cada uma comporta. Ambas as orações apresentam a estrutura *SUJEITO – VERBO – OBJETO*, realizada por *Sintagma Nominal (SN1)*, *Verbo (V)* e *Sintagma Nominal (SN2)*. Esta é uma observação de ordem estrutural (sintática). Levando em conta as considerações sobre os Papéis Temáticos (que serão mais bem explicitadas adiante), notaremos também que tanto em [1], quanto em [2], o SN1 age sobre o SN2. Dizemos haver, neste caso, o papel temático de Agente no SN1.

É possível, no entanto, utilizar os mesmos verbos em outras construções, como em

[3] *O tapete sujou e*

[4] *O cachorro morde.*

Nestes casos, há semelhança sintática entre as frases, ambas compostas de SN – Verbo, mas há uma diferença semântica importante entre elas. Para a gramática tradicional, estamos diante de dois verbos *intransitivos*, mas isto esconde uma diferença importante: o que podemos perceber é que em [3] o SN *o tapete* é Paciente do processo estabelecido pelo verbo *sujar*. Este dado não se confirma com o exemplo [4]. Aqui, *o cachorro* será necessariamente Agente do processo e não aquilo que foi mordido.

Podemos assim dizer que o verbo *sujar* se comporta de maneira diferente da do verbo *morder*, uma vez que há construções em que um ocorre e outro não. Ou seja, esses dois verbos têm **valências** distintas.

Vejamos sistematicamente o que é **diátese** e o que é **valência**.

2. DIÁTESE

Vamos partir do verbo *abrir*, que se comporta de maneiras distintas, representadas da seguinte forma, em termos simbólicos:

[5]	<i>Maria</i>	<i>abriu</i>	<i>a janela.</i>
	SN Agente	Verbo	SN Paciente

A janela	abriu.
SN Paciente	Verbo

[6]

Dizemos que, para o verbo *abrir*, são possíveis duas construções³. A cada uma dessas construções, damos o nome de *diátese*.

A diátese é definida como uma estrutura sintática associada a traços de significado. Por isso podemos dizer que o estudo da diátese relaciona-se com o emprego do verbo dentro da sentença.

Se voltarmos aos exemplos iniciais, percebemos que a quantidade de argumentos que o verbo *abrir* exige ou permite é variável. Isto quer dizer que a diátese mantém também relação com a quantidade de complementos que um determinado verbo seleciona. Além deste aspecto formal, a diátese é constituída também por elementos semânticos. Como vemos nos exemplos [5] e [6], o papel temático do sujeito pode diferir conforme a diátese.

Assim, dizemos que uma construção só será diátese se contribuir para a subclassificação do verbo, como ocorre nos exemplos [5] e [6]. Algumas construções, no entanto, não constituem diáteses, como:

[7] Maria amarrou o cadarço e

[8] Maria não amarrou o cadarço.

Nestes casos, tanto a quantidade de argumentos permanece a mesma quanto os papéis temáticos dos argumentos. A diferença está na inclusão da palavra *não*. Isto não é suficiente para a formação de uma nova diátese, pois não existem verbos que não aceitem a negativa. Todos os verbos da língua portuguesa aceitam a negativa e isto não subclassifica um verbo gerando, assim, nova diátese.

Por outro lado, o caso do verbo *abrir* é diferente; ele ocorre em construções como:

[9] Maria abriu a lata; e

[10] A janela abriu.

Estamos diante de diáteses diferentes pelos mesmos motivos explicitados nos exemplos [5] e [6]: quantidade de argumentos e papéis temáticos diferentes nos dois casos. Dizemos, então, que o verbo *abrir* ocorre nestas duas diáteses, mas que o verbo *comer* só ocorre na primeira delas,

[11] Maria comeu a couve; e

*[12] A couve comeu (com *a couve* = Paciente)

e *cair* só ocorre na segunda

[13] O menino caiu; e

*[14] O menino caiu o livro.

Isso mostra que esses três verbos *abrir*, *comer* e *cair* pertencem a três

³ Outras construções são possíveis. Limito-me aqui a duas apenas, com o propósito apenas de elucidar com maior precisão os conceitos de diátese e de valência.

subclasses diferentes. Por conseguinte, as construções exemplificadas em [9], [11] e [13] são diáteses verbais distintas.

Como já dissemos anteriormente, podemos dizer que a diátese verbal é um mecanismo capaz de subcategorizar um verbo. Quando houver uma construção que diferencie um verbo do outro, seja por sua distribuição sintática, seja por sua distribuição semântica, teremos uma diátese.

A exemplo do que dissemos sobre a negativa, outras construções não configuram diáteses. Um exemplo bastante claro disto é a construção de objeto direto topicalizado, que não subcategoriza os verbos: não há verbos que aceitem ou não aceitem essa construção, como nos exemplos:

[15] a. Eu comi a maçã. X b. A maçã, eu comi.

[16] a. Maria fritou o bife. X b. O bife, Maria fritou.

Podemos substituir estes verbos à vontade, pois para qualquer verbo da língua que couber na não topicalizada, também caberá na topicalizada:

[17] a. Eu comprei a maçã. X b. A maçã, eu comprei.

[18] a. Eu mordi a maçã. X b. A maçã, eu mordi.

[19] a. Maria comprou o bife. X b. O bife, Maria comprou.

[20] a. Maria mordeu o bife. X b. O bife, Maria mordeu.

Assim, uma *diátese* é uma construção cuja ocorrência é governada pela subclasse do verbo.

2.1. FORMULAÇÃO DAS DIÁTESES

Já vimos que o mesmo verbo pode ocorrer em diversas diáteses. Agora observemos os exemplos seguintes:

[21]	<i>Felipe</i>	<i>confia</i>	<i>em você</i>
	SN Exp ⁴	Verbo	SN Caus. Exp. ⁵

[22]	<i>Felipe</i>	<i>gosta</i>	<i>de você.</i>
	SN Exp	Verbo	SN Caus. Exp.

[23]	<i>Felipe</i>	<i>comeu</i>
	SN Agente	Verbo

⁴ Experienciador, ou seja, aquele que experimenta alguma sensação promovida pelo causador de experiência.

⁵ Causador de Experiência: aquele que promove sensações em algum elemento.

[24]	<i>Felipe</i>	<i>comeu</i>	<i>a banana</i>
	SN Agente	Verbo	SN Paciente

[25]	<i>Felipe</i>	<i>rasgou</i>	<i>o dinheiro</i>
	SN Agente	Verbo	SN Paciente

[26]	<i>O dinheiro</i>	<i>rasgou</i>
	SN Paciente	Verbo

Muito podemos tirar de informação destes exemplos. A princípio, uma comparação entre [23] e [26] já nos mostra que estamos diante de sentenças sintaticamente idênticas (SN – Verbo), mas que apresentam estrutura semântica distinta. Em [23], o SN é, necessariamente, o Agente do verbo, ele é quem pratica a ação, dado não observado no SN de [26]: o SN *o dinheiro* é aquele elemento que sofre a ação estabelecida pelo verbo *rasgar*, é o Paciente deste processo. Isto nos mostra que sentenças podem ser idênticas no nível sintático, mas que isto não é suficiente para definição de diáteses, dado que estamos diante de duas construções diferentes no aspecto semântico.

Casos como [23] e [26], portanto, não podem ser definidos apenas formalmente. Aqui, a forma não nos diz o bastante, pois a diferença existente não é revelada em termos sintáticos. Estamos diante de construções diferentes e estas diferenças só se fazem perceber pelo conhecimento que temos dos verbos que as compõem, incluindo o número de complementos que os acompanham, sua representação sintática e o papel temático que cada um desempenha.

Se compararmos as construções [23] e [26], veremos que tanto o verbo *comer* quanto o verbo *rasgar* podem aparecer na estrutura SN – V. A diferença, no entanto, está no papel temático do sujeito: Agente em *comer* (Felipe comeu) e Paciente em *rasgar* (O dinheiro rasgou), fundamentados não pelos aspectos formais, mas pelos aspectos semânticos, como já comentado anteriormente, ou seja, *comer* e *rasgar* ocorrem em conjuntos diferentes de diáteses. Esta diferenciação é base importante para distinguir subcategorias de verbos. Há aqueles que se comportam como *comer* (*matar, ler...*) e os que se comportam como *rasgar* (*esquentar, desanimar...*). Isto é que faz com que tenhamos que considerar essas duas construções como diáteses dos respectivos verbos.

Há ainda casos em que não podemos definir as construções apenas semanticamente, como ocorre nos casos [21] e [22]. Nestes exemplos, a supressão da preposição torna a sentença inaceitável. Estamos diante de preposições que, embora não tenham sentido em si mesmas, não podem ser retiradas da construção, por se tratar de uma exigência da diátese destes verbos. Os exemplos acima mostram que

as diáteses podem se diferenciar pelos traços sintáticos, semânticos, ou ainda, traços sintáticos e semânticos.

Podemos ver que existem diferentes diáteses para um mesmo verbo. Assim, é possível afirmar que as diáteses servem como um mecanismo de subcategorização dos verbos, uma vez que cada verbo ocorre em um conjunto característico de diáteses. Ao conjunto de diáteses de um verbo, damos o nome de *valência*, sendo ela a base para o estabelecimento das subcategorias verbais que são parte fundamental do conhecimento que o falante tem da estrutura de sua língua.

Subcategorizar implica agrupar os verbos a partir de semelhanças de diversas ordens. No estudo das diáteses, levamos em conta os aspectos já discutidos aqui: a composição semântica e a sintática servem como meio para tal agrupamento. Há verbos que, por exemplo, não admitem sujeito (aspecto formal) com o papel temático de Agente (aspecto semântico), como o verbo *morrer*, *desmaiar*, *falecer*, dentre outros. Tomando como exemplos casos como:

[27]	<i>Francisco</i>	<i>morreu</i>
	SN Paciente	Verbo

[28]	<i>Pedro</i>	<i>desmaiou</i>
	SN Paciente	Verbo

[29]	<i>O papa</i>	<i>faleceu</i>
	SN Paciente	Verbo

ficam evidentes as semelhanças entre eles, todos eles têm o SN com a mesma função semântica: o SN sempre será Paciente. Além disto, nenhum destes verbos admite sujeito Agente, em nenhuma circunstância. Note a agramaticalidade de sentenças como:

[30] *Felipe morreu Francisco;

[31] *João desmaiou Maria; e

[32] * Pedro faleceu o cachorro.

Essas frases são agramaticais exatamente por estes verbos não admitirem sujeito Agente. Estamos, portanto, diante de três verbos distintos, mas que se enquadram numa mesma subcategorização: todos eles sempre se apresentam na diátese ergativa⁶ e só nela.

Há também verbos que se subcategorizam pelo aspecto oposto aos dos

⁶ A ergativa é composta de SN (Paciente) – Verbo.

exemplos [27]; [28] e [29], uma vez que só admitem sujeito Agente⁷, como é o caso de verbos como *matar*; *fugir*; *latir*; *pular*. Tomemos os exemplos:

[33]	<i>Pedro</i>	<i>matou</i>
	SN Agente	Verbo

[34]	<i>Marcos</i>	<i>fugiu</i>
	SN Agente	Verbo

[35]	<i>O prefeito</i>	<i>latiu</i>
	SN Agente	Verbo

[36]	<i>Pedro</i>	<i>pulou</i>
	SN Agente	Verbo

Embora a estrutura formal seja a mesma, temos aqui características semânticas diferentes dos exemplos anteriores. Por este motivo, subcategorizamos estes verbos utilizando outros critérios. Todos eles ocorrem na diátese intransitiva⁸.

Com estes verbos não ocorrem casos como

[37]	* <i>Maria</i>	<i>matou</i>
	SN Paciente	Verbo

[38]	* <i>Maria</i>	<i>fugiu.</i>
	SN Paciente	Verbo

[39]	* <i>Maria</i>	<i>latiu</i>
	SN Paciente	Verbo

⁷ Excetua-se a voz passiva, mas, como Perini (ms) demonstra, não se trata de uma diátese verbal. A passiva se analisa, do ponto de vista das valências, como uma estrutura de verbo *ser* + adjetivo, e a diátese depende do adjetivo e não do verbo.

⁸ A diátese intransitiva é formada por SN (Agente) – Verbo.

* <i>Maria</i>	<i>pulou</i>
SN Paciente	Verbo

[40] entendidos como se o SN fosse Paciente. Note que estas sequências são perfeitamente possíveis na língua, mas ocorrem com os SNs como Agentes, nunca como Pacientes.

Ainda assim, seria possível que algum destes verbos se apresentasse com outras construções, caracterizando, portanto, outra diátese, sendo, novamente, subcategorizado. Ou seja, verbos de [27] – [40] não pertencem necessariamente à mesma classe, pois podem ter conjuntos diferentes de diátesses.

Grosso modo, podemos dizer que:

1. o verbo *comer* ocorre na construção transitiva (*Maria comeu feijoadada*); e na construção transitiva de objeto elíptico (*Maria comeu*);
2. o verbo *sujar* ocorre nas construções transitiva (*Maria sujou o tapete*) e ergativa (*O tapete sujou*); e
3. o verbo *morrer* ocorre na construção ergativa (*O cachorro morreu*).

Para efeito ilustrativo, retomamos dois exemplos de construções bastante recorrentes na língua, que funcionam como diátesses verbais e já foram citadas: as diátesses transitiva e a ergativa. Antes disto, precisamos definir o que seja sujeito.

Definimos o sujeito como dotado de uma variável posicional “X”, que vale para qualquer SN, em qualquer posição, que tenha o mesmo papel temático indicado pelo sufixo de pessoa-número do verbo.

Esta convenção foi proposta por Perini (ms.), e é uma maneira de indicar o sujeito, definido como “o SN que elabora o mesmo papel temático indicado pelo sufixo de pessoa-número do verbo”. A notação “X” inclui não apenas um SN em posição pré-verbal, mas qualquer SN da oração que tenha a propriedade mencionada. Perini adota essa convenção porque a posição do sujeito na oração não distingue diátesses (não é governada pelo verbo, mas por fatores estruturais).

Esta notação “X” se resume em três possibilidades:

- (a) Um SN em posição de sujeito (seja ele pré ou pós verbal);
- (b) Um SN em posição de sujeito + um sufixo de número-pessoa compatível com ele; ou
- (c) Apenas o sufixo.

Assim, a notação “X” serve para representar casos como *eu comi* + *eu comendo* + *comi*. A representação é única, uma vez que a diferença entre as possibilidades (a), (b) e (c) não é diatética, ou seja, nenhum verbo ocorre em uma dessas construções e não nas outras duas.

Essa é uma característica da oração portuguesa, que

pode sinalizar duplamente um dos papéis temáticos envolvidos [como o] de Agente. A seleção do papel temático a ser duplamente sinalizado depende do verbo, isto é, da diátese em que ele se encaixa na

frase em questão. Um dos sinalizadores é o SN, a que chamamos “sujeito”; o outro é o sufixo de pessoa-número do verbo. Este último fornece uma indicação esquemática - apenas a pessoa e o número - ao passo que o sujeito é um SN pleno e, como tal, inclui não apenas a pessoa e o número, mas informação elaborada sobre o sentido e a referência do elemento que desempenha o papel temático em questão. A redundância de sinalização de um dos papéis temáticos é neutralizada em alguns casos, como quando o verbo está no gerúndio ou no infinitivo (Perini, ms.).

Nas formulações aqui utilizadas, portanto, X representa o sujeito, sem levar em conta a possibilidade de ele ocorrer posposto, ou de não ocorrer, em frases como *Cheguei ontem*. Essas possibilidades, embora importantes, não afetam o status de diátese das construções, o que justifica o uso da notação abreviada aqui.

3. VALÊNCIA

Voltando à definição de que diátese é uma construção cuja ocorrência é governada pela subclasse do verbo, desembocamos no que seja **valência**, que se define a partir do conjunto de diáteses de um verbo. Assim, o conjunto de diáteses de um verbo forma sua valência.

Vamos tomar como exemplo ilustrativo o verbo *quebrar* que ocorre nas seguintes construções:

Construção transitiva:

X (Agente) V SN (Paciente)

Exemplo: [41] *Maria quebrou o vaso.*

Construção ergativa:

X (Paciente) V

Exemplo: [42] *O vaso quebrou.*

Temos diferenças de sentido e também de forma sintática entre as duas diáteses, como já foi dito. Em [41], presença de Agente e Paciente realizados sintaticamente, enquanto em [42], apenas o Paciente é realizado. Dizemos, então, que a

valência do verbo *quebrar* é formada pelas diátesses transitiva e ergativa⁹.

Vale ainda comentar que o mesmo verbo na mesma diátese pode ainda comportar sentidos diferentes ou ainda o mesmo verbo pode assumir sentidos distintos em diátesses distintas. É o que acontece com o próprio verbo *quebrar* em exemplos como

[43] A inflação quebrou a C&A

[44] A C&A quebrou

cujo sentido se aproxima de *falir* ou simplesmente *arruinar*. Note que no exemplo [41], Maria não levou o vaso à falência; mas sim *rompeu* o vaso em partes. Temos a mesma diátese em [41] e [43], mas o sentido do verbo é distinto. O mesmo se diga para os casos [42] e [44]: mesma diátese, sendo o verbo da primeira com a acepção de ‘romper’ e o da segunda com a de ‘arruinar’.

Como se vê, um mesmo verbo pode ocorrer na mesma *diátese* com significados bem diferentes; ou seja, as *diátesses* de um verbo e suas diversas acepções não se recobrem. Um verbo pode ser definido como uma unidade morfossintática, de modo que *quebrar* em [43] e em [44], apesar da nítida diferença semântica, é o mesmo verbo.

Desta forma, desconsideramos verbos *homônimos*. Para nós, estamos diante de verbos *polissêmicos*. A justificativa para isto é bem simples: se separarmos em dois verbos (como *quebrar* (= *falir*) e *quebrar* (= *romper*), com base em seu significado, vamos nos deparar com problemas bastante sérios. Isto porque a diferença semântica é pouco nítida e faltam critérios objetivos para estabelecer esta diferença. A diferença de *valência*, no entanto, é bastante nítida. Se considerarmos cada verbo em cada *valência* como item léxico separado, teremos um outro problema: os verbos serão sempre monovalentes, o que extermina o objetivo do estudo de *valências*, que é o de subclassificar os verbos.

Outro verbo bastante produtivo em termos de significados é o *pintar*, cujas acepções são várias, a saber:

[45] Pedro pintou a parede

X	V	SN
Ag		Pac

diátese transitiva, no sentido de ‘cobrir de tinta’ um objeto já existente (a parede);

[46] Leonardo pintou um quadro

diátese transitiva, no sentido de ‘criar uma imagem’; e ainda

[47] Frederico pintou (na festa)

X	V
Pac	

diátese ergativa, no sentido de ‘aparecer; ir’ à festa.

Diante de exemplos semelhantes ao nosso, acrescenta Perini:

⁹ A valência do verbo *quebrar* comporta outras diátesses. Aqui, tomamos apenas duas para efeito ilustrativo do que seja valência.

Se quisermos relacionar a descrição da língua com seu uso – o que, acredito, todos admitimos que é um dos objetivos da linguística – teremos que descrever o processo que, a partir de um sinal formal, atribui significados aos enunciados. É claro que temos que distinguir, em algum momento, o item *pintar* que ocorre em [53] do que ocorre em [54], mas isso é resultado de um processamento, não um ponto de partida. No primeiro momento, *pintou* é uma forma fonológica a ser associada a determinados traços morfológicos, sintáticos, semânticos com base no contexto em que ocorre – basicamente, no que nos interessa, no contexto morfossintático (Perini, ms).

Partindo então da premissa de que o verbo *pintar* é um único verbo nos exemplos [45], [46] e [47], podemos estabelecer sua *valência* como composta da *diátese transitiva* ([45] e [46]), mais a *diátese intransitiva* ([47]).

Podemos, assim, desprezar certas acepções, considerando que elas não serão relevantes para nossos objetivos. A princípio, o verbo *pintar* é um único item. As distinções de significados são feitas quando associamos o verbo ao contexto linguístico em que ele aparece. Assim, o verbo *pintar*, se associado a dois SNs (diátese transitiva), significa “cobrir de tinta”. O mesmo verbo, se associado a um SN (diátese intransitiva), pode significar “aparecer” ou “cobrir de tinta”.

4. O VERBO GANHAR: SEUS SIGNIFICADOS E SUA VALÊNCIA

De acordo com Borba (1990), o verbo *ganhar* apresenta uma série de significados. Possuir um novo significado não implica, porém, apresentar uma nova diátese.

De acordo com o autor, o verbo *ganhar* pode, dentre diversos significados, apresentar:

i. Com o complemento expresso por nome *humano* (sublinhado no exemplo), terá o sentido de *seduzir, convencer*:

[48] O candidato ganhou mais um eleitor.

[49] Com um bom carro, todo homem ganha mulher.

ii. O verbo *ganhar*, com complemento *não humano* (sublinhado no exemplo), terá o sentido de *receber*:

[50] Pedro ganhou flores.

[51] A menina ganhou um gato.

iii. Com complemento expresso por nome *não animado*, designativo de *vantagem*, (sublinhado no exemplo), significa *adquirir, obter*:

[52] Maria Bethânia ganhou fama em 1965.

[53] Marta ganhou cinco quilos esta semana.

iv. Com complemento expresso por nome designativo de *competição* (sublinhado no exemplo), o verbo *ganhar* significa *tornar-se vencedor*:

[54] O cavalo ganhou a competição.

[55] Joaquim ganhou o processo.

v. Com complemento na forma de + nome *animado*, (sublinhado no exemplo), significa *tornar-se vitorioso*:

[56] O Botafogo ganhou do Madureira.

Valemo-nos de diversas fontes para o recolhimento do *corpus*. Além de exemplos retirados de conversas informais, também usamos nossa intuição. Dentre as mais de 70 diátesses do português, chegamos ao limitado número das diátesses do verbo ganhar:

4.1. DIÁTESE DE OBJETO TRANSFERIDO (C32¹⁰)

[57] Maria ganhou neném.

[58] Maria ganhou um sapato.

MARIA	GANHOU	NENÉM.
MARIA	GANHOU	UM SAPATO.
X ₁	Verbo	SN ₂
Meta	-	Tema

Essa diátese se configura pela ausência de um elemento Fonte (que não entra na constituição da diátese pelo motivo exposto no início desse capítulo). A mesma recebe este nome porque o Tema passa de um lugar a outro (chamado de meta). Assim, o neném passa de dentro para fora, da não concepção para a concepção; assim como o sapato, que deixa de pertencer à loja ou ao João e cai no poder de Maria.

4.2. DIÁTESE DE SPREP FONTE (C 68)

[59] Maria ganhou na sena.

MARIA	GANHOU	NA SENA.
X	Verbo	SPrep
Meta	-	Fonte

O contexto é responsável pelo preenchimento semântico do objeto. Nesta construção, depreendemos o sentido de que *Maria ganhou dinheiro na sena*. Pelo nosso conhecimento de mundo, sabemos que as pessoas que jogam na sena só podem ganhar dinheiro. Não se constitui uma transitiva sem objeto, uma vez que o SN

¹⁰ Perini (2007) arrola aproximadamente 80 diátesses em português. Para efeito de sistematização, cada diátese recebe um número. C1 = Diátese transitiva etc. Mantivemos aqui a numeração de Perini para efeito de operacionalização e demos o nome da construção em português.

não é Agente, mas Meta daquilo que foi Tema (e que está implícito na sentença: dinheiro que veio da sena) e que parte de uma Fonte (SPrep).

4.3. DIÁTESE DE SPREP TEMA FONTE (C69)

[60] Maria ganhou um relógio do namorado.

MARIA	GANHO	UM RELÓGIO	DO NAMORADO.
X	Verbo	SN	SPrep
Meta		Tema	Fonte

Neste caso, temos marcado a presença do Tema. Esta é a diferença fundamental entre a C69 e a C68. Não temos, nesta diátese, a aceção de vitória e derrota.

4.4. DIÁTESE DE VITÓRIA (C58)

[61] O Vasco ganhou do Atlético.

O VASCO	GANHO	DO ATLÉTICO.
X	Verbo	SPrep
Agente	-	Paciente

Esta diátese se define pela possibilidade de recuperação de um objeto por meio de nosso conhecimento de mundo. Se soubermos o que é Vasco e o que é Atlético, facilmente entendemos o que foi que o Vasco ganhou: o jogo. Se, contudo, desconhecermos o referente externo dos argumentos como [62] Mequinho ganhou de Kasparov, nosso esforço mental para significar essa construção será maior. Neste caso, basta introduzirmos o objeto que os problemas se amenizam:

[63] Mequinho ganhou o jogo (ou no jogo) de xadrez de Kasparov.

Com a eliminação do objeto “o jogo” na construção *O Vasco venceu o jogo do Atlético*, a diátese em questão vai se aproximar muito da Transitiva sem objeto, mas a distribuição dos Papéis Temáticos em seus sintagmas já delineiam as diferenças entre elas. Na diátese de vitória, temos expresso um Paciente, elemento afetado pela ação de um SN Agente, fato não observado na diátese transitiva sem objeto (como em *Maria comeu hoje*).

4.5. DIÁTESE TRANSITIVA DE OBJETO ELÍPTICO (C2)

[64] O Atlético ganhou.

O ATLÉTICO	GANHOU	-
X	Verbo	-
Agente	-	-

Nesse caso, estamos diante de uma diátese cujo objeto é eliminado e esquemático devido ao nosso conhecimento de mundo. Ganhar implica jogo, corrida, disputa, enfim, algo que resulta de um conflito. O mesmo com o verbo comer (Maria comeu) será arroz, angu, bolinho de feijão, algo que é “comível”. Este exemplo não configura vitória e derrota, pois apenas entendemos que o Atlético foi vitorioso em um conflito direto devido ao nosso conhecimento de mundo. Se substituirmos o SN *O Atlético* por *Kasparov*, por exemplo, ficaremos com o sentido da construção comprometido por nosso (des)conhecimento sobre quem ou o que seja Kasparov.

5. VALÊNCIA DO VERBO GANHAR: CONCLUSÕES

Conforme os exemplos [57] a [64], a valência do verbo *ganhar* é formada por 5 diáteses: C2 – Transitiva de Objeto Elíptico; C32 – de Objeto Transferido; C58 – de Vitória; C68 – de SPrep Fonte; e C69 – de SPrep Tema Fonte.

A valência do verbo em estudo possui algumas particularidades. Este verbo não ocorre em C1 – Transitiva¹¹, a diátese mais frequente na língua portuguesa e é o único que, dentro do universo pesquisado por Lima (2007), ocorre nas diáteses Transitiva de Objeto Elíptico – C2 e diátese de Objeto Transferido – C32.

Este verbo é o único na língua que ocorre na C58 – Diátese de Vitória¹².

A acepção da classe de vitória e derrota foi definida por Lima como aquela que apresenta três traços definitórios. Lima diz que para se enquadrar nesta classe, as construções destes verbos, quando da acepção de vitória e derrota, devem apresentar SIMETRICIDADE¹³, CONFRONTO DIRETO¹⁴ e RESULTADO DO CONFLITO¹⁵. Com o verbo em estudo, apenas uma de suas diáteses se enquadra na acepção definida por Lima: na C58 – de Vitória, exclusiva deste verbo. Nesta diátese, temos os três traços arrolados pelo autor, como no exemplo [61], repetido aqui: *O Vasco ganhou do Atlético*. Neste exemplo, tanto o Vasco quanto o Atlético poderia ter ganhado (Simetricidade); houve um atrito direto entre os argumentos (Confronto Direto) e sabemos quem saiu vitorioso do conflito (Resultado do Conflito).

¹¹ C1 – Transitiva: formada de X (Agente) – V – SN(Paciente)

¹² Obviamente temos outros verbos na acepção de vitória. A diátese, por ser definida também por critérios formais, estabelece o diferencial apontado para o verbo ganhar na C58.

¹³ Possibilidade de cada um dos argumentos expressos na sentença sair como “vencedor” do conflito.

¹⁴ Conflito entre os dois argumentos necessariamente expressos na sentença.

¹⁵ Percebemos, nestas construções, quem é o vitorioso do conflito.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um trabalho de pequeníssimo porte. Analisamos apenas um verbo, diante do universo de aproximadamente doze mil, na língua portuguesa. Conforme discutimos neste ensaio, as diáteses constituem as possibilidades de ocorrência dos verbos na língua. Atualmente, de acordo com Perini (2007), existem cerca de 80 diáteses em português. Isto mostra que a descrição linguística é extremamente trabalhosa (verificar se estes verbos ocorrem nestas construções) e necessária. Os motivos são muitos, mas, sobretudo, temos de lembrar – como já dito neste trabalho – que o sistema usado pela Gramática Tradicional para o estudo dos verbos é insuficiente, pois não retrata a realidade linguística do português, devendo, portanto, ser revisto com trabalhos como este que aqui apresentamos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Francisco da Silva. et al. **Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 1990.

LEVIN, Beth. **English Verb Classes and Alternations** – a Preliminary Investigation. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LIMA, Bruno de Assis Freire de. **Valência dos verbos de vitória e derrota em português**. 2007. Dissertação de mestrado, PUC-Minas.

PERINI, Mário A. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. ms. 2007.